



Alexander Turra é professor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Titular da Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade dos Oceanos.

Guerra dos canudos: do adjetivo ao substantivo

Banir dispositivo de plástico não terá impacto significativo na redução do lixo nos oceanos

Alexander Turra

Há cerca de 120 anos, ocorreu um grande movimento popular na aldeia de Canudos, no norte da Bahia. Após muitas tentativas, a repressão militar, capitaneada pela República, aniquilou o arraial matando seus moradores e queimando suas casas. Por trás dessa tragédia emergia uma crise socioambiental, amplificada pela seca e pela opressão feita pelos grandes proprietários de terras, que desgraçadamente assolava os sertanejos. Estes buscavam amparo na salvação divina sob a liderança de Antônio Conselheiro. Os moradores de Canudos avolumavam-se rapidamente e ganhavam autonomia, sendo tachados de fanáticos e vistos como uma ameaça para os grupos dominantes locais e para a República em si.

Segundo *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, Canudos recebera seu nome devido ao costume dos sertanejos de “pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão, de tubos naturalmente fornecidos” a partir do caule oco da planta “canudo-de-pito”, *Mabea fistulifera*. Canudos, portanto, era um adjetivo que representava a conexão do ser humano com a natureza em um sistema socioecológico que buscava sua emancipação.

Hoje, novamente, há uma revolta contra os canudos. Não aqueles “Canudos”. Mas sim os canudos plásticos, agora substantivados como um utensílio que tem sido vilanizado pela sociedade. Embora o relato acima remonte a muito antes de os plásticos serem inventados, ele permite alguns paralelos com a atualidade, obviamente resguardando-se alguma licença poética.

Assim como a Vila de Canudos era entendida como uma ameaça, os canudos plásticos são vistos como um grande perigo para os oceanos, compondo, com outros tipos de resíduos, o importante problema do lixo no mar. Imagens de tartarugas com canudos inseridos em suas narinas, ou da areia da praia repleta de lixo após um feriado, são o ponto de partida para esta narrativa.

De fato, os canudos e outros itens de uso único têm sido questionados quanto ao antagonismo entre seu uso efêmero, muitas vezes virando resíduo após poucos minutos, e o longo tempo que permanecem no ambiente, dada sua baixa capacidade de degradação. Esses itens de uso único podem ser considerados uma conveniência inconveniente pois, apesar da praticidade, aumentam a

quantidade de lixo que sobrecarrega os aterros sanitários, e causam problemas ambientais quando não destinados corretamente.

Assim, os canudos consolidam-se como um problema substantivo que adjetiva negativamente os oceanos. Mas como resolver essa questão? Dada a complexidade do tema, não tenho pretensão de extinguir o assunto nestes poucos parágrafos. Entretanto, creio ser possível usar o mote acima para ilustrar quão controverso o combate ao lixo no mar pode ser: uma solução para a presença de canudos no mar tem sido seu banimento pela sociedade.

Municípios como Rio de Janeiro e Ilhabela criaram leis que baniram o uso de canudos em bares, quiosques e restaurantes. Essa política pública parece ser muito assertiva e eficiente, mas esconde peculiaridades que não podem ser desconsideradas, assim como aquela “Canudos”.

Diferentemente de relevantes campanhas de conscientização, o banimento não cria o nexo entre o não uso do canudo e o eventual benefício ambiental. Como exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, após o banimento dos canudos, a água de coco passou a ser servida em copos plásticos nos quiosques à beira-mar. Ou seja, se aqueles canudos teriam o mar como destino, os copos também terão. A população não teve a oportunidade de compreender a essência da questão para poder se posicionar de forma madura e responsável, consumindo os canudos conscientemente. O banimento também se baseia no pressuposto de que o canudo usado não encontra um sistema de coleta e destinação de resíduos sólidos adequado, que deveria ser garantido pelos municípios, permitindo a reciclagem e fomentando a economia circular.

Embora o canudo seja um item icônico, a importância de seu banimento como estratégia de combate ao lixo no mar é questionável. Ainda que qualquer redução da entrada de resíduos no mar seja necessária, os canudos não correspondem aos itens mais abundantes no lixo encontrado no mar. Tampouco a fonte principal desse problema são as atividades de recreação na praia. Dentre as principais fontes de lixo estão as áreas de ocupação irregular em morros, várzeas e manguezais, um problema socioambiental decorrente da pobreza e da falta de ordenamento territorial e de saneamento básico.

Não parece lógico, portanto, que os municípios brasileiros invistam no banimento dos canudos sem antes atuar em três frentes estratégicas e estruturantes para combater as principais fontes de lixo para o mar: a educação ambiental, gestão de resíduos e gestão territorial, eliminando a ocupação irregular e dando dignidade para sua população. Comparando com o caso da aldeia de Canudos, a atual guerra contra os canudos plásticos pode ser entendida como uma cortina de fumaça e ter o mesmo efeito que o evento histórico ora relatado teve: alcançar o extermínio dos canudos mas sem um desdobramento efetivo para o desenvolvimento sustentável e bem-estar social. Mesmo sem eles, ainda continuaremos tendo enormes quantidades de lixo entrando no mar. ▀